



---

## PRÁXIS NA CIBERCULTURA: DIALÓGICA ENTRE A PEDAGOGIA FREIRIANA E AS PEDAGOGIAS FEMINISTAS

---

### PRACTICES IN CYBERCULTURE: DIALOGUE BETWEEN FREIRIAN PEDAGOGY AND FEMINIST PEDAGOGIES

---

### PRÁCTICAS EN CIBERCULTURA: DIÁLOGO ENTRE LA PEDAGOGÍA FREIRIANA Y LAS PEDAGOGÍAS FEMINISTAS

---

Joselito Manoel de Jesus<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Gomes da Silva<sup>2</sup>  
Zuleide Paiva da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo abordar as interrelações entre a pedagogia freiriana e as pedagogias feministas no contexto da ciberultura e as potencialidades para a compreensão e promoção das práxis produzidas pelas pedagogias feministas em suas intervenções emancipatórias. De natureza investigativa, assume pesquisa bibliográfica e documental como procedimentos metodológicos, tomando a práxis na ciberultura com ênfase nas pedagogias apresentadas na docência online, sustentadas em posições político-epistemológicas comuns, que valorizam as curiosidades e produções socioculturais das mulheres e homens em seus vínculos socioafetivos e em seus compromissos políticos. Adotou-se, como *corpus de análise* o conjunto

---

**Submetido em:** 29/05/2021 – **Aceito em:** 20/08/2021 – **Publicado em:** 13/10/2021

<sup>1</sup>Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- DCH IV/Jacobina. Mestre em Educação e Contemporaneidade Uneb, pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - Difeba/Uneb e do Grupo de Estudos de Informação Digital, Ensino e Aprendizagem- GEIDEA/ICI/UFBA. Doutorando em Ciência da Informação-UFBA. E-mail: [joselitojoze@gmail.com](mailto:joselitojoze@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6323-5101>

<sup>2</sup>Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* IV, Jacobina. Docente do Curso de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), UNEB, Jacobina. Líder do grupo de pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba) e pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade (Diverso), UNEB. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [analucias12@gmail.com](mailto:analucias12@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3880-3322>

<sup>3</sup>Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), integrante do corpo permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED-UNEB). Possui formação interdisciplinar, com graduação em biblioteconomia (UFBA), doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC), mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). É pós-doutoranda em Educação (FACED-UFBA), vinculada ao grupo de pesquisa *Formação, Experiência e Linguagens* (FEL-CNPQ) e ao grupo de Pesquisa *Formação em Exercício de Professores* (FEP-CNPQ). É ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e da Rede Lesbi Brasil. E-mail: [eidepaivasilva@gmail.com](mailto:eidepaivasilva@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>



de narrativas, produções imagéticas, fotografias, que se constituíram como produção da experiência gestada coletivamente nos componentes curriculares Estágio Supervisionado II, da graduação em Letras e Pesquisa Aplicada à Educação II, na Pós-Graduação em Educação. Os resultados apontam evidências de aprendizagens, e indícios que de criação, a coautoria e cocriação, quando tanto os princípios epistemológicos e organizativos da metodologia, quanto do desenho didático propiciam aos estudantes e docentes, ambiência favorável e desafiadora, tais como: imersão em ambiências híbridas em que fomos instados a exercitar e experimentar juntos. Apontaram ainda os alinhamentos e inflexões realizadas no processo, realizando escuta sensível coletivamente com os sujeitos envolvidos. Os saberes fazeres emergentes da experiência apontaram também que a pandemia suscitou em todos e todas nós educadores e educadoras, novas formas de encontro com os nossos estudantes, em que o acolhimento, a produção das subjetividades, o lugar de escuta se fizeram ainda mais imprescindíveis a uma humana docência mediada pelas tecnologias digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberultura. Pedagogias Feministas. Dialogicidade. Experiência pedagógica. Educação on line. Paulo Freire/pedagogia da esperança

**SUMMARY:** This text study aims to address the interrelationships between Freire's pedagogy and feminist pedagogies in the context of cyberculture and the potential for understanding and promoting the praxis produced by feminist pedagogies in their emancipatory interventions. As a method of studyIn investigativeinvestigative nature, it was adopted to use bibliographic and documentary research as methodological procedures, taking the praxis in cyberculture with emphasis on the pedagogies presented in online teaching, supported by common political-epistemological positions, which value the curiosities and socio-cultural productions women and men in their socio-affective ties and political commitments. The corpus of analysis adopted the set of narratives, imagery, photographs, which constituted the production of the collective experience generated in the curricular components Supervised Internship II, of the undergraduate course in Letters and Research Applied to Education II, in the Graduate Program in Education. The results point to evidence of learning, and evidence to creation, co-authorship and co-creation, when both the epistemological and organizational principles of the methodology and the didactic design provide students and teachers with a favorable and challenging environment, such as: immersion in hybrid environments in which we were urged to exercise and experiment together. They also pointed out the alignments and inflections made in the process, performing sensitive listening collectively with the subjects involved. The know-how emerging from the experience also pointed out that the pandemic has raised in all and all of us educators, new forms of meeting with our students, in which the welcoming, the production of subjectivities, the place of listening have become even more essential to a human teaching mediated by digital technologies.

**KEYWORDS:** Cyberculture. Feminist Pedagogies. Dialogicity. Pedagogical experience. Online education. Paulo Freire / pedagogy of hope

**RESUMEN:** Este texto de estudio tiene como objetivo abordar las interrelaciones entre la pedagogía de Freire y las pedagogías feministas en el contexto de la ciberultura y el potencial para comprender y promover la praxis producida por las pedagogías feministas en sus intervenciones emancipatorias. Como método de estudio En carácter investigativo-investigativo, se adoptó el uso de la investigación bibliográfica y documental como procedimientos metodológicos, tomando la praxis en la ciberultura con énfasis en las pedagogías presentadas en la docencia en línea, sustentada en posiciones político-epistemológicas comunes, que valoran las curiosidades y socio -producciones culturales de mujeres y hombres en sus vínculos socio-afectivos y compromisos políticos. El corpus de análisis adoptó el conjunto de narrativas, imagería, fotografías, que constituyeron la producción de la experiencia colectiva generada en los componentes curriculares Pasantía Supervisada II, de la carrera de Licenciatura en Letras e Investigación Aplicada a la Educación II, en el Programa de Posgrado en Educación. . Los resultados apuntan a evidencias de aprendizaje, y evidencias que apuntan a la creación, coautoría y co-



creación, cuando tanto los principios epistemológicos y organizativos de la metodología como el diseño didáctico brindan a estudiantes y docentes un entorno favorable y desafiante, como : inmersión en entornos híbridos en los que se nos instaba a hacer ejercicio y experimentar juntos. También señalaron las alineaciones e inflexiones realizadas en el proceso, realizando una escucha sensible de forma colectiva con los sujetos involucrados. El saber hacer surgido de la experiencia también señaló que la pandemia ha suscitado en todos y todos los educadores, nuevas formas de encuentro con nuestros estudiantes, en las que la acogida, la producción de subjetividades, el lugar de la escucha se han vuelto aún más. esencial para una enseñanza humana mediada por tecnologías digitales.

**PALABRAS CLAVE:** Ciberultura. Pedagogías feministas. Dialogicidad. Experiencia pedagógica. Educación en línea. Paulo Freire / pedagogía de la esperanza

## INTRODUÇÃO

No contexto da ciberultura em tempos de pandemia causada pela Covid-19<sup>4</sup>, no qual a educação online adquire relevância diante da necessidade emergente causada pela exigência de distanciamento social, o pensamento do educador Paulo Freire apresenta potencialidades fecundas para a compreensão e promoção das práxis produzidas pelas pedagogias feministas em suas intervenções emancipatórias. Tais pedagogias, sustentadas em posições político-epistemológicas comuns, que valorizam as curiosidades e produções socioculturais das mulheres e homens em suas necessidades objetivas e subjetivas, seus vínculos socioafetivos e em seus compromissos políticos diante do mundo que os desafiam, procuram compreender os saberes situados que valorizam as diferentes experiências históricas e político-sociais de sujeitos subalternizados no ambiente escolar e na sociedade como todo.

Nessa perspectiva, as pedagogias feministas são percebidas como um fazer engajado, articulado em rede: uma resistência às pedagogias tradicionais que coisificam os sujeitos, invisibilizam, essencializam identidades, homogeneizam a diversidade, fazendo de todas (os) um apêndice de sua própria história (Claudia CARDOSO, Zuleide SILVA, 2010) e, como tal, são possibilidades de mudanças, de construção de outras perspectivas políticas e epistêmicas

<sup>4</sup> O coronavírus apareceu pela primeira vez na China em 2019. Responsável pelo surgimento de uma infecção respiratória se espalhou por todo o mundo matando milhões de pessoas. A doença pode variar de uma simples gripe a sintomas muito graves, colocando a vida em risco e causando óbito. Para saber mais, consultar: <https://www.tuasaude.com/coronavirus/>. Acesso em 03.05.2021.



provenientes da radicalidade do lado subalterno da diferença colonial para a elaboração de novas utopias não capitalistas, capazes de infligir redefinição/derrota ao colonialismo persistente e a sua lógica implantada pelo “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu, com as suas várias hierarquias globais enredadas e coexistentes no espaço e no tempo” (GROSFOGUEL, 2010, p. 463).

A ciberultura é entendida por nós, a partir dos estudos e pesquisa de Edméa Santos (2019) como a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades. Entendemos, pois, ciberespaço como a ocupação humana da internet por seres humanos que, confiantes, se autorizam a produzir nesse espaço por intermédio das tecnologias digitais que simulam contextos do mundo físico das cidades através de suas interfaces, com suas instituições, movimentos e práticas individuais e coletivas significadas pelos seres humanos ao longo de suas existências histórias adentro. A ciberultura ainda fomenta a autoria, a cocriação, a participação ativa e interativa em rede na constituição da mensagem, que não mais pode ser concebida na tradicional concepção do paradigma da emissão para a recepção, mas constituída em seu significado sob a intervenção do receptor, caracterizando a dialogia fundada na “atividade mental do nós”<sup>5</sup>.

É neste espaço de conflitos, de disputa de sentidos, de acirramentos ideológicos e políticos, de compartilhamentos em rede, de criações e cocriações originais que pedagogias feministas entrelaçadas aos princípios de uma pedagogia dialógica exercem competências adquiridas na interatividade e produzem as novidades emancipatórias que avançam na cidade e no ciberespaço. Haja vista que há também regiões virtuais formadas por bolhas ideológicas que influenciam e reforçam comportamentos motivados por essas práticas colonialistas que resistiram na sociedade ao longo de nossa história brasileira e, ao se manifestar politicamente no aparelho do Estado, ganham confiança suficiente para destoarem de atitudes civilizatórios

---

<sup>5</sup>Para Bakhtin (2002) Diferente da “atividade mental do eu”, a “atividade mental do nós” se situa em um terreno completamente social e expressa uma atividade diferenciada ideologicamente em função do envolvimento do sujeito em grupos, movimentos e instituições sociais, culturais, educativas, profissionais e científicas, cuja firmeza e estabilidade da orientação social influenciam decisivamente no crescimento do grau de consciência desse sujeito.



e se apresentarem na visibilidade pública, expressando discursos de ódio e destruição das conquistas obtidas pelas minorias nas últimas décadas.

Assim, as pedagogias propostas pela cibercultura, no contexto de emergência da educação online, vão ao encontro, através de pontos comuns da rede interativa, na dialogicidade proposta por Paulo Freire em sua pedagogia de esperanças. Como ressalta Santos (2019, p.33), “a cibercultura em sua fase atual potencializa as práticas pedagógicas baseadas em fundamentos valorizados como autonomia, diversidade, dialógica e democracia”.

Nesse sentido, a questão central que nos move neste estudo é: como as pedagogias feministas produzem as suas práxis e que horizontes de transformações emancipatórias elas apresentam no contexto contemporâneo da cibercultura? Para responder a esta questão, uma outra se desdobra, qual seja: quais os principais saberes-fazer<sup>6</sup> emergem de nossas práticas pedagógicas que apresentam pontos comuns com a pedagogia freiriana no campo da cibercultura e que transformações subjetivas resultam de suas lutas objetivas?

Nessa perspectiva, a experiência coletiva e individual é um evento linguístico, que não acontece fora de significados estabelecidos, pois requer dialogicidade, entendida como o processo de diálogo amoroso, respeitoso, na palavra que é práxis, produzindo saberes na luta pela transformação das estruturas de desumanidade. Assim, desde a experiência, abordamos o conceito de prática pedagógica e práxis a partir dos estudos de Adolfo Vazquez (2007) problematizando a primazia do saber como direcionamento absoluto de um fazer.

Dessa forma, assumimos a pesquisa bibliográfica e documental como procedimentos metodológicos, sem nenhuma pretensão de verdade moderna. Interessa aqui pensarmos outras formas de aprender e ensinar na cibercultura, cuja crise pandêmica do Covid 19 nos interroga ainda mais acerca da formação docente e os novos modos de nos constituirmos docentes, em especial sobre a docência online, caracterizada segundo Marco Silva (2010) como ainda carente de investimento que contemple o contexto sociotécnico e comunicacional da cibercultura, sob pena da subutilização das potencialidades operativas e colaborativas das interfaces do computador e da web e do prejuízo à educação autêntica baseada em

---

<sup>6</sup>Utilizado na perspectiva apresentada por Nilda Alves (2002) por entendermos a não dicotomia entre fazer e pensar, saber e fazer. Referências completas ao final.





metodologias dialógicas. O referido autor situa quatro desafios à formação de professores para a docência online, quais sejam: a) transição da mídia clássica para a mídia online; b) hipertexto próprio da tecnologia digital; 3) interatividade como mudança fundamental do esquema clássico da comunicação, e; 4) exploração das interfaces da internet.

Esta caracterização implicou para os autores/as deste texto, investir nas aprendizagens para o desenvolvimento profissional em exercício, bem como na organização didático-pedagógica que primasse por um desenho didático aberto, dialógico, interativo, considerando que estudantes e docentes experienciariam e partilhariam das decisões acerca das escolhas das interfaces digitais, dos instrumentos de avaliação das aprendizagens e seus critérios/rubrica, avaliariam cada percurso, ajustariam o planejamento, a fim de atender às demandas do coletivo, visando potencializarem as aprendizagens e cocriação autoral.

Adotamos como *corpus de análise* o conjunto de narrativas, produções imagéticas, fotografias, que se constituíram como produção da experiência coletiva ao longo do semestre do componente Estágio Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas e Pesquisa Aplicada à Educação II, (PAE) do Programa de Pós-Graduação em Educação.<sup>7</sup> Nossa concepção acerca do *corpus de análise*, é inspirada nos estudos de Nicolas Deniz (1994), compreendido como um ponto de vista operacional, na pesquisa qualitativa, que vai do campo ao texto e do texto ao leitor num processo dialógico e coautoral, sendo o texto compreendido dentro das abordagens linguísticas como manifestação material, verbal e/ou semiológica expressa de forma oral, gráfica, gestual, icônica e multimodal. Ressaltamos que o conceito de *corpus*, conforme aponta Aarts, (1991), é polifônico e demarca fronteiras teóricas, sobretudo no tocante as pesquisas da área da linguística moderna.

Aarts (1991), traz uma definição mais abrangente a qual corroboramos, por entender *corpus* como uma coleção de amostras de texto corrido, que podem se apresentar nas

---

<sup>7</sup>Os componentes foram ministrados em codocência conforme a ordem apresentada no texto: Ana Lúcia Gomes da Silva, Patrícia Vilela da Silva, e contou com a participação especial/voluntária da docente Maria Helena Reis. PAE II, Zuleide Paiva da Silva e Jerônimo Jorge Cavalcante Silva. O componente de Estágio Supervisionado é referente ao semestre 2021.1 e PAE II, 2020.2. Os/as estudantes autorizaram o uso do material produzido e apresentado neste artigo, conforme Resolução 510/2016 e TCLE assinado, que trata dos protocolos éticos na pesquisa em Ciências Humanas.



modalidades escrita, falada ou intermediária, podendo ser de qualquer tamanho. Não obstante, a definição de Aarts (1991) elucida a possibilidade de se configurar em um *corpus* diversas modalidades da linguagem que se hibridizam no nosso entendimento e enriquece a amostra e consequentemente a análise. Deste modo, adotamos como procedimento de análise do material selecionado, inspirados na análise temática de conteúdo, apresentada por Helena Amaral Fontoura, Maikson Damasceno e Nilcélio Sacramento (2020), ao destacarem a potencialidade da tematização do conteúdo como um dentre vários procedimentos de (re)construção e análise de dados, relevante e com grande riqueza teórico-epistemológica para o desenvolvimento no campo da pesquisa em educação, especialmente nos estudos com abordagem qualitativa.

Nossa escolha, portanto, toma como ênfase exatamente a geração dos temas que foram emergindo nos materiais selecionados, a fim dialogar com os dados, tomando a experiência como chave de leitura da nossa práxis pedagógica, haja vista que o mergulho na experiência é narrar por dentro dela e não sobre ela, pois ela nos toca e nos passa como afetamento que potencializa a nossa imersão em ambiências híbridas, que exige metodologia centrada no processo formativo horizontalizado, oportunizando o empoderamento dos sujeitos envolvidos.

### **Prática Pedagógica e Práxis: interfaces com a ciberultura**

Segundo Vázquez (2007) a atividade humana tem duas dimensões: uma é a atividade cognoscitiva, a outra é a atividade teleológica. A atividade cognoscitiva se refere a uma realidade passada ou presente, que se pretende conhecer sistematicamente através do metódico exame teórico. A teleológica refere-se a uma realidade futura, ainda inexistente, que se pretende concretizar através da ação prática de transformação da realidade presente que negamos porque nos nega. “Por outro lado, a atividade cognoscitiva em si não implica uma exigência de realização, em virtude da qual se tende a fazer do fim uma causa da ação real.” (p.223). De fato, a consciência de uma situação e o conhecimento de uma realidade e de seus desdobramentos não nos leva a agir. Podemos até rejeitar um futuro que previmos através de nossa atividade teórica, que é também uma atividade humana.



Quer se trate da formulação de fins ou da produção de conhecimentos, a consciência não ultrapassa seu próprio âmbito; isto é, sua atividade não se objetiva ou materializa. Por essa razão, tanto uma como outra são atividades; não são, de modo algum, atividade objetiva, real, isto é, práxis. (VÁZQUEZ, 2007, p. 225)

Somente quando a atividade cognoscitiva e a teleológica se encontram na transformação real, prática, de um objeto, de uma realidade é que a práxis acontece. Não é o blá blá blá, como diria Paulo Freire no seu *Pedagogia do Oprimido* (1999). Nem a atividade por si mesma – o ativismo – destituída de reflexão, de atividade cognoscitiva, mas a união dialética entre teoria e prática visando e agindo na transformação da realidade é que constituem a dialogicidade na práxis. “Em consequência, [na práxis] as atividades cognoscitiva e teleológica da consciência se encontram em uma unidade indissolúvel.” (VÁZQUEZ, 2007, p. 225). É neste nível que ocorre o diálogo verdadeiro, segundo Freire em sua dialogicidade.

Freire (2006) valoriza a emoção do “saber de experiência feito”. E se há emoção neste saber, deve haver também emoções advindas de aprendizados sistemáticos, com rigor epistemológico, da ação transformadora no saber da práxis, no qual a atividade cognoscitiva exerce papel importante, como já explicitado. Quando a atividade teleológica anuncia na emergência do presente, o futuro que planejamos, as emoções afloram na superfície dos praticantes acionando energias submersas que fortalecem ainda mais a organização e a luta, além dos diferentes aprendizados alcançados e conhecimentos produzidos nessa dinâmica complexa, afinal, saborear o gosto de uma conquista, por mínima que seja, nos fazendo avançar ao “andar pelas ruas da história”, pelas vias da cidade e do ciberespaço, estabelecendo dialogicidades, suscitando adesões, autorias e simpatias de indivíduos, grupos e instituições. Novamente o mestre Paulo Freire nos alerta, que,

[...] isso na verdade, não se aprende em cursos de especialização. Isso se aprende e se ensina no momento histórico mesmo em que a necessidade impõe às classes sociais a busca necessária de uma relação melhor no tratamento de seus interesses antagônicos. Em tais momentos históricos, como o que vivemos hoje no país e fora dele, **é a realidade mesma que grita**, advertindo as classes sociais da urgência de novas formas de encontro para a procura de soluções inadiáveis. (FREIRE, 2006, p.93)





Este momento histórico e geopolítico da pandemia suscitou em todos e todas nós educadores e educadoras o grito da realidade e gestamos novas formas de encontro com os estudantes, em que o acolhimento, a produção das subjetividades, o lugar de escuta se fizeram ainda mais imprescindíveis a uma humana docência, em que mediados pelas tecnologias digitais, pelas “pontes”, “vias”, “becos”, “esquinas”, “encruzilhadas”, “portas” e “janelas” dos celulares e computadores, quase sempre sem se mostrarem através de suas câmaras, nos permitissem saber como cada um/a estava, suas angústias e medos diante do vírus, os lutos coletivos, suas acessibilidades para se fazerem presentes na virtualidade definiam o movimento das aulas.

Santos (2019), do mesmo modo, enfatiza a participação como momento formativo imprescindível aos praticantes culturais. Segundo ela:

A cibercultura em sua fase atual potencializa as práticas pedagógicas baseadas em fundamentos valorizados como autonomia, diversidade, dialógica e democracia. De nada adiantam as potencialidades comunicacionais favoráveis à educação em nosso tempo se o professor se encontra alheio ao que se passa no atual cenário sociotécnico. Para tanto, faz-se necessária imersão das práticas culturais do nosso tempo integrando vida, cultura, docência e pesquisa. (SANTOS, 2019, p.33)

A pesquisa-formação na cibercultura exige a participação e mais: o envolvimento, a “necessária imersão” da educadora, do educador, nas práticas culturais do seu tempo, aprendendo e ensinando pelo sentir e pelos sentidos de estar imerso, “corpo e alma”, na vida, na cultura, no exercício de uma docência compartilhada, produzida na interatividade, o que significa a autoria compartilhada da emissão e da recepção na cocriação da mensagem nas interfaces online, na participação aprendente numa prática envolvente, performática, humilde, dialógica e solidária.

Nesta perspectiva, portanto, a educadora, o educador, a pesquisadora, não observa soturna a cena, utilizando fichários, diários e folhas avulsas para fazer seu registro do lado de fora da história do cotidiano da aula em que desenvolve o seu trabalho profissional. Ela, ele, tem de sentir, se envolver, se emocionar com a riqueza que sua percepção potencializada por esse envolvimento fecundo captado dos fenômenos que se manifestam no cotidiano de seu campo de pesquisa elevando-a/o a uma aprendizagem autêntica.



É necessário olhar/ver/sentir/tocar (e muito mais) as diferentes expressões surgidas nas inúmeras ações que somente na aparência, muitas vezes utilizada para impressionar alguém postado em lugar superior, são iguais ou repetitivas. Preciso mesmo buscar outro sentido para o que é repetição, buscando entendê-la nas suas múltiplas justificativas e necessidades. (Nilda ALVES, 2008, p.11)

Portanto, é necessário árduo e cuidadoso trabalho de articulação dos antagonismos, das complementaridades e das concorrências num princípio organizacional dialético que dinamiza as diferentes competências dos praticantes culturais no contexto da cibercultura, numa práxis cuja lógica não é inexorável, “mas indedutível logicamente e irreduzível fisicamente” (MORIN, 2016, p.140). Assim, o trabalho organizado, antecipado pela projeção no futuro de uma realidade emancipatória, não está dada logicamente por um “desenvolvimento natural” das ações organizadas e levadas a cabo “numa práxis mágica”. Requer, finalmente, uma educação de nossas sensibilidades, um cuidadoso e trabalhoso cultivo da esperança, um envolvimento fecundo na realidade que desejamos transformar a fim de entender suas lógicas para atuar intencionalmente a partir delas em sua transformação.

### **Pedagogia e prática docente: breves apontamentos**

Cultivando a esperança em uma pedagogia outra, Maria Amélia Franco (2016) nos oferece profunda reflexão sobre prática docente e prática pedagógica, reconhecendo que nem toda prática docente se caracteriza como prática pedagógica. Nessa perspectiva, “falar de prática pedagógica é falar de uma concepção de Pedagogia” e, ainda, do papel relacional dessa “com o exercício da prática docente” (FRANCO, 2016, p. 540). O conceito de prática pedagógica, desse modo, demanda uma definição primeira, a de uma concepção de pedagogia que a fundamentará.

A pedagogia, conforme Franco, é como uma “prática social, que oferece/impõe/propõe/indica uma direção de sentido às práticas que ocorrem na sociedade, realçando seu caráter eminentemente político” (FRANCO, 2016, p. 536). Argumentando a favor de outra epistemologia da pedagogia, a autora considera que a pedagogia é “uma prática social conduzida por um pensamento reflexivo sobre o que ocorre nas práticas educativas, bem como por um pensamento crítico do que pode ser a prática educativa” (p. 538). Assim, a



prática docente se revela uma prática pedagógica quando é carregada/alimentada de/por intencionalidade e reflexão crítica. Importante destacar, ainda, a importância da incorporação, pela(o) educadora(or) em seu processo de ensino, “de outras fontes, de outros mundos, de outras lógicas”, promovendo novas aprendizagens imprescindíveis para a ampliação “do momento pedagógico do aluno [da aluna]” (FRANCO, 2016, p. 547).

Com a prática pedagógica dialógica a autoria na educação online “[...] em que são contempladas a pluralidade discursiva das narrativas e experiências pessoais, profissionais e acadêmicas dos praticantes culturais” (SANTOS, 2019, p.20), encontra espaço de expansão ilimitada, com as múltiplas possibilidades de formação de redes diversas e de aprendizagens que emergem através de ações políticas e culturais em interatividade. Portanto, é como praticantes culturais em interatividade que emergem saberes da produção em coautoria ao se encontrar com uma pedagogia que enfatiza a dialogicidade na pluralidade discursiva da educação online.

É desta concepção de pedagogia que nutrimos e inspiramos nossas práticas e por ela somos desafiados nas nossas docências e co docências online. Este processo nos permite a (re) invenção tanto como docentes, como também possibilita ao estudante rever sua postura, sua atuação em aula, seu compromisso e implicação com sua formação profissional inicial, da qual se ocupa como graduando/a e futuro docente. No item a seguir, apresentaremos as experiências oriundas dos componentes Estágio Supervisionado II do curso de Letras em Língua Portuguesa e Literaturas, ofertado no 6º semestre e do componente Pesquisa Aplicada à Educação II, (PAE) ofertado no 2º semestre, do mestrado profissional em Educação e Diversidade e fazem parte da matriz curricular, como obrigatórios para os respectivos cursos. Dessa experiência, serão apontados a seguir os elementos que emergiram do *corpus* de análise, em diálogo com os conceitos centrais adotados como ponto de partida-chegada atravessados por pontos comuns da rede interativa, da dialogicidade proposta por Paulo Freire em sua pedagogia de práxis emancipatória com ênfase na ciberultura.

### **Experiência gestada pelos princípios das pedagogias feministas e freiriana no contexto da ciberultura**



O Estágio Supervisionado II é realizado em espaços de educação não formais<sup>8</sup>, tais como: Organizações não governamentais- Ong's, coletivos, sindicatos, espaços alternativos de leitura, bibliotecas, grupos de jovens, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, Tiro de Guerra, presídios. PAE II, de forma diferenciada, é um componente curricular realizado em sala de aula, espaço social historicamente conquistado e construído, e como tal, necessariamente, precisa ser ocupado. Mas como garantir a ocupação da sala de aula diante das contingências impostas pela pandemia que não apenas desorientam a suposta ordem social, como impõe desafios à ciência e suas instituições? Da mesma forma, como garantir processos de ensino e de aprendizagens em espaços não formais diante dos desafios das instituições não formais chamadas a assumirem a responsabilidade social no enfrentamento a Covid 19?

Na expectativa de superar os desafios já apontados, somados aos desafios inerentes ao ensino online em 2020.1, a escolha pedagógica das/os discentes de PAE II foi recorrer ao exercício da codocência<sup>9</sup>, reunindo docentes dos *Campi* IV e XIV, onde PAE II é regularmente oferecido de forma presencial. Articulando grupos de pesquisa, movimentos sociais e gestoras da Uneb, o componente foi ministrado em plataforma virtual (*Google meet*) reunindo as duas turmas que ingressaram no MPED em 2019 no mesmo ambiente de aprendizagem.

De natureza interdisciplinar, o componente teve o propósito de: a) refletir sobre concepção e aplicação de uma prática educativa fundamentada nos estudos da pesquisa aplicada, envolvendo a produção de interfaces e objetos de inovação pedagógica relacionados ao tema do estudo; b) refletir ações e estratégias de apresentação e aplicação dos resultados da pesquisa de intervenção sob forma de resultado/produto; c) contribuir com a produção do

---

<sup>8</sup>Neste artigo elegemos apresentar parte do processo da experiência do Estágio Supervisionado quanto ao desenho didático, ambiências híbridas, metodologia adotada e resultados parciais evidenciados. O referido componente estava em curso na fase 3 do seu planejamento quando enviamos este texto. A realização do Estágio em espaços não formais e a culminância final com o *Webinário Intersectorial de Estágio Supervisionado* com o tema: “Estágio Supervisionado em tempos de ensino remoto e híbrido na pandemia do Covid 19”, no DCH IV, Jacobina.

<sup>9</sup>Componentes curriculares e atividades de ensino ofertados de maneira colaborativa entre docentes (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA.ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO Nº 2.082/2020). Disponível em: < UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)> Acesso em 08/mar/2021.



texto de qualificação das pesquisas em andamento, em constante exercício de leitura, debate e escrita sobre os paradigmas que orientam as pesquisas no campo da educação e diversidade. Vale pontuar que os referidos propósitos, assim como todo o planejamento, foram previamente discutidos e acordados com as duas turmas em reuniões virtuais não computadas na carga horária do componente. Esse exercício dialógico, colocou em questão as intencionalidades docentes e discentes em relação ao desejo individual e coletivo de ensinar e aprender, refletindo assim, a concepção de prática pedagógica apontada anteriormente e potencializou o afastamento e a negação das tradicionais relações de poder em sala de aula, exigindo autorreflexão crítica e deslocamento dos sujeitos e sujeitas envolvidas no processo de aprendizagem.

Para alcançar os propósitos do componente, a programação foi definida pelos momentos síncronos, assim intitulados: a) “Janelas Abertas: reflexões sobre políticas de ensino, pesquisa, extensão na UNEB em tempos de pandemia”; b) “Janelas abertas: reflexões sobre horizontes metodológicos da pesquisa em Educação”; c) “Meu diário de campo”. O primeiro e o segundo momento foram abertos à comunidade externa, reunindo egressos do MPED, estudantes de outras universidades, professoras e professores da educação básica e representantes de movimentos sociais.

O primeiro momento foi constituído por um encontro de 3h, que contou com a presença e participação de três gestoras da Universidade, a saber: Pró-Reitora de Pesquisa e Graduação; Pró-Reitora Extensão e Pró-Reitora de Ações Afirmativas. Em conjunto, as pró-reitoras discutiram os documentos referências que orientam a vida da universidade em tempos de pandemia<sup>10</sup>, refletindo os princípios éticos, políticos e afetivos que confirmam a posição inclusiva e popular da UNEB, a saber: 1- Cuidado e preservação da vida dos membros da comunidade acadêmica e externa; 2- Isonomia de acesso à aprendizagem; 3 - Conectividade irrestrita a todos estudantes e servidores, ou seja, a universidade deve possibilitar a

---

<sup>10</sup> O documento apresentado e discutido pelas gestoras foi o *Documento Referencial para as ações acadêmicas da UNEB frente ao estado de calamidade pública causado pela COVID-19*, produzido pela Comissão Especial do Conselho Superior da Universidade do Estado da Bahia (CONSU/UNEB), constituída pela Resolução CONSU nº 1.412/2020, com o objetivo de orientar a Instituição sobre o desenvolvimento das atividades acadêmicas, em regime excepcional, enquanto prevalecer a pandemia.



infraestrutura de equipamentos tecnológicos e conexão à Internet; 4 - Valorização da multicampia, considerando a diversidade territorial no processo decisório; 5- Autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial; 6- Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa, Extensão, Ações Afirmativas e Assistência Estudantil.

O segundo momento “Janelas abertas: reflexões sobre horizontes metodológicos da pesquisa em educação”, foi realizado em dez encontros de 3 horas cada. Para tanto, foram convidadas pesquisadoras e pesquisadores de diferentes grupos de pesquisa vinculados a UNEB, dentre eles o DIFEBA - *Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior*; FEL-*Formação, Experiência e Linguagens*; GEPLET- *Grupo de Estudos e Pesquisa em (Multi)letramentos, Educação e Tecnologia*; LAHAFRO - *Laboratório de História e Cultura Afro-brasileira e Currículo Mariinha Rodrigues*; OPARA *Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*; Diadorim – *Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade* e o *Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho, Contra Hegemonia e Emancipação Humana* (GEPEC/UNEB/CAECDT). Também foram convidados pesquisadoras e pesquisadores de outras universidades, como o FEP – *Grupo de pesquisa Formação em Exercício de Professores (PPGE -UFBA)*; GIRA - *Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação* (PPGNEIM/UFBA); GEPFAPE – *Grupo de Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogo* (PPGEDUC/UNB), dentre outros. Ativistas da Liga Brasileira de Lésbicas do Coletivo de Lésbicas e Mulheres Bissexuais de Pernambuco também participaram desse momento.

Em conjunto, as “Janelas Abertas” ecoaram uma polifonia de vozes articulando linhas e grupos de pesquisa em torno das seguintes temáticas: Método Cartográfico; Metodologias Feministas; História Oral; Pesquisa narrativa; Pesquisa autobiografia; Etnografia; Etnografia crítica; Pesquisas multireferenciais; ciberpesquisa; Métodos de intervenção: pesquisa participante, pesquisa-ação. As questões problematizadas em cada encontro refletiram as contingências desse momento pandêmico e como o fazer científico é por ele afetado. Nesse sentido, estudantes e docentes foram provocados(as) a confrontar a si próprio, a colocar em questão esse momento em que a experiência de viver na pandemia desloca as proposições metodológicas antes pensadas através da interação com os/as sujeitos da pesquisa, para o campo da virtualidade. A experiência, dessa forma impulsiona o autoconhecimento, ela é





formativa e prepara a nossa capacidade de entender o mundo, nos possibilitando a ampliação de horizontes.

O terceiro momento, com 27h, foi realizado de forma assíncrona no *Google sala de aula* e em grupo do *WhatsApp*. Nesses espaços foram compartilhados os textos indicados pelas pesquisadoras e pesquisadores convidados das “Janelas abertas”. O gerenciamento dos espaços foi compartilhado entre docentes e discentes, que, de forma coletiva, participativa e colaborativa, promoveram a leitura, a reflexão e a escrita de artigos que apresentam a escolha metodológica dos projetos de pesquisa de cada discente matriculado no componente. Os artigos produzidos foram organizados pela/o docentes responsáveis pelo componente em uma coletânea intitulada: *Caminhos Metodológicos da Pesquisa Aplicada em Educação*, que se encontra no prelo da EDUFBA, com perspectiva de publicação em 2022.1. Como destaca a prefaciadora da coletânea e uma das convidadas das Janelas Abertas do MPED:

Os artigos em tela nos convidam a conhecer a riqueza das pesquisas conduzidas por estudantes do MPED/UNEB que são professoras/es das redes de educação básica, educadoras/es sociais, gestoras/es de órgãos públicos e ativistas dos movimentos sociais que trazem em seus ensaios a partir de diferentes perspectivas epistemológicas, os dispositivos e métodos adotados em seus processos de pesquisa. Os caminhos da investigação apresentada pelas/os autoras/es, têm como aporte a pesquisa narrativa, o método cartográfico, a autobiografia, a etnografia, a ciberpesquisa, a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Tendo como lócus os espaços formais e informais de educação, os trabalhos trazem múltiplas realidades vivenciadas pelos/as distintos/as sujeitos em seus processos de aprendizagem; de questionamento sobre os currículos; da construção da identidade da escola do campo; da incorporação das mídias digitais e das redes sociais; da problematização acerca das políticas de inclusão dentro e fora da escola; das desigualdades e violência que acometem as mulheres e do saber das trabalhadoras rurais. É, portanto, nesses contextos que as proposições e reflexões acerca dos percursos metodológicos são apresentados (Amélia MARAUX, 2022, no prelo).

Solicitados artigos científicos como atividade avaliativa do componente, durante o processo de escrita, emergiu o desejo da publicação da coletânea, que foi custeada pelas autoras e autores. Foi solicitado um texto auto avaliativo, refletindo a experiência vivenciada no componente. Destacamos aqui dois depoimentos, que em conjunto refletem nossa experiência docente em PAE II

Inicialmente achei estranha a proposta de uma disciplina ministradas por aulas lives, não pelo modelo, pois, em uma sociedade como a nossa, mergulhada na ciberultura e com tantas atividades mediadas pelas TICs, isso soa natural. A minha estranheza estava no fato de ter tantas vozes falando sobre metodologia de pesquisa. Será que



conseguiria compreender as várias abordagens de pesquisa? Poderia, a partir dessas aulas, escolher uma metodologia que fosse adequada ao meu projeto de pesquisa? Mas a verdade é que logo na primeira aula/live, com a Profª Dra. Ana Lúcia Gomes essas inquietações começaram a se dissipar. Então consegui enxergar o alcance do projeto: seria apresentado para nós, não uma explanação teórica de métodos e tipos de pesquisa, mas como esses métodos funcionam na prática. A ideia foi fantástica. (Depoimento 1- Mestranda Campus XIV).

Minhas considerações nesse processo auto avaliativo, tratam sobre a importância da interação com o processo, o meio, os participantes, nossas experiências e a experiência do outro, onde nos posicionamos em dialogicidade como sujeitos construtores da nossa história e protagonistas do nosso enredo. A participação como um todo, através do diálogo, das interações com o grupo no chat, a frequência nas aulas, e o foco principal - a leitura dos textos - a fim de que se desenrolasse a troca de ideias e as interlocuções no grupo, nos leva a considerar que nenhum instrumento sozinho é capaz de contemplar todos os objetivos propostos, mas, quando é associado a outros, o resultado se concretiza em melhorias no ensino e na aprendizagem. Sendo assim, no papel de mestranda/pesquisadora, do PPED- Programa de Educação e Diversidade da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, cursando o componente curricular - PAE II - Pesquisa Aplicada à Educação II, novas formas de ser, aprender, atuar e ressignificar nos foi apresentada, no ir e devir na trajetória do componente citado (Depoimento 2- Mestranda Campus IV).

No “ir e devir” vivenciado na trajetória do componente, como sugere o Depoimento 2, nos reinventamos, nos apoiamos e superamos os desafios de planejar e articular os objetivos, os conteúdos programáticos e proposta metodológica desenvolvida na Pós-Graduação em ambientes virtuais de aprendizagem a partir de uma prática pedagógica sustentada numa dialogicidade que, na interatividade em rede, suscita autorias compartilhadas na solidariedade. Assim, compreendemos que a experiência e PAE II em tempos de pandemia foi “fantástica”, como sugere o depoimento 1. O que não significa que não tenha sido marcado também por tensões, discordância, próprios das relações de interação com o outro.

No âmbito da graduação, a experiência vivenciada em Estágio Supervisionado II foi um a-com-tecimento, aqui pensado pelas lentes de Inez Carvalho (2008) que concebe o a-com-tecer como “tecer conjunto e de forma aumentada”. Foi, portanto, tecendo junto e de forma aumentada que o referido componente a-contece.

No primeiro encontro apresentamos nossas expectativas em relação ao componente através da nuvem de palavras realizada na interface digital *mentimeter* e ainda a concepção da turma sobre o estágio como pesquisa para a formação de cada uma/a, conforme Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Expectativas do componente e concepção do Estágio como pesquisa



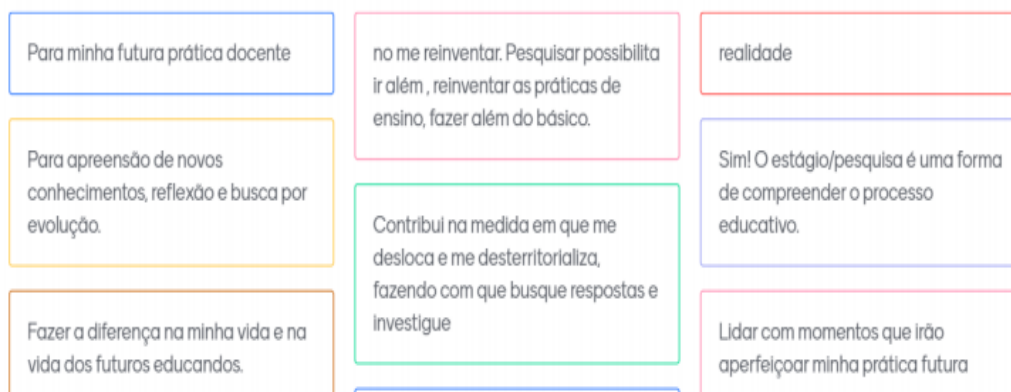
## Tenho como expectativa...

Mentimeter



## O ESTÁGIO como pesquisa contribui para minha formação em especial...

Mentimeter



Fonte: Acervo das docentes produzido pela turma; março 2021.

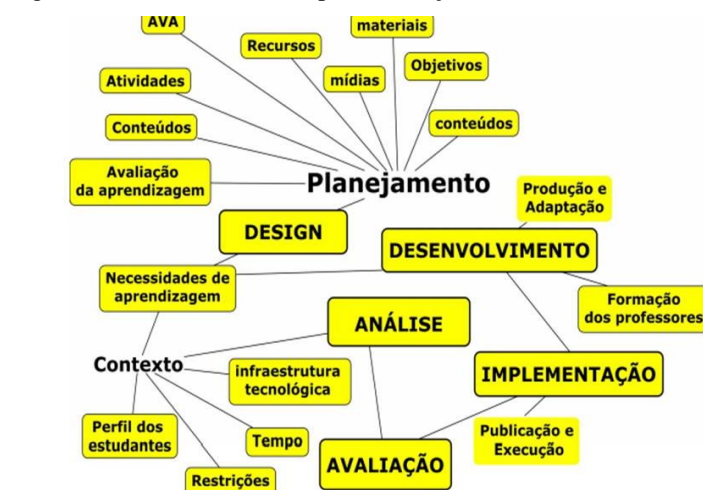
Aprender foi o principal destaque, seguindo do adaptar ao novo cenário[pandemia] e formação com excelência em terceiro lugar, o que já aponta os desafios que nos enlaça. Estas palavras-chave mencionadas dialogam com os conceitos-chave apresentados e discutidas anteriormente neste texto, sendo mobilizados neste artigo na interface com os demais dados empíricos que apresentaremos neste tópico da nossa experiência.

Para narrar nossa experiência, começamos apresentando aos leitores/as como se deu o desenho didático dos componentes, a apresentação e discussão do plano de ensino, das avaliações de ensino e de aprendizagem em processo, dos critérios de avaliação, ou rubrica, da escolha dos eixos temáticos e do cronograma parcial, pois acordamos com a turma que seria realizado por etapa, a fim de experimentarmos, avaliarmos e redimensionarmos ao longo

do processo, considerando que tanto para as docentes, quanto para as estudantes a educação online em rede, nos suscitava ‘aprenderensinar’ colaborativamente.

Reconhecemos que essa atuação através da comunicação em rede e suas interfaces exigiria desenho didático aberto, interativo, dinâmico, nos (re)inventaria, tanto as docentes como as estudantes, pois estaríamos imersos, experimentando situações de aprendizagens híbridas nos ambientes virtuais, assim como nos aplicativos que fomos conhecendo ao longo do semestre. Deste modo, o desenho didático apresentado a seguir, na figura 1, foi nosso mapa em aberto, conectando campos, colegas de profissão que estudam o tema das tecnologias, cibercultura, docência online, ensino híbrido, e assim fomos constituindo uma comunidade científica de aprendizagem (CCA), a fim de tecermos ensino com pesquisa.

Figura 2 – Desenho didático para educação online



Fonte: Elaboração Maristela Midlej, 2020.

Conforme nos apresenta a figura 2 elaboramos nossa proposta contendo os eixos temáticos, objetivos conceituais procedimentais e atitudinais, recursos, avaliação da aprendizagem, explicitando a rubrica/critérios, considerando perfis dos/as estudantes acessibilidade da rede, formação docente inicial, haja vista que o contexto faria com que os elementos aqui elencados fossem pertinentes ou sofressem alterações. Como já mencionado na introdução deste texto, nossa organização do *corpus* de análise foi feita conforme os eixos temáticos e neles elencamos o material selecionado referente a cada tema a partir dos conceitos de prática pedagógica, práxis, dialogicidade, interatividade, pedagogia feminista,



identificando potencialidades de hibridismo conceitual que venham a favorecer as lutas emancipatórias de mulheres e homens no processo da educação online, conforme descreveremos a seguir.

A primeira alteração que realizamos no movimento da docência foi nos eixos temáticos, pois a oferta seria remota, o que exigira saberes específicos acerca da educação online e docência online, além dos recursos a serem estruturados para o ambiente virtual, utilizando os aplicativos e interfaces a serem operacionalizadas, de acordo com as limitações da rede e acessibilidade de todos/as.

O eixo citado foi intitulado: “Docência online e ensino híbrido: a formação docente em debate” e nele realizamos as rodas de leitura e sessões de apresentações das propostas de estágio a fim de realizarmos a reescrita. Nas rodas de leitura ocorridas durante o mês de março a turma nos apresentou ao longo da discussão, no momento síncrono da aula na plataforma *meet*, através da interface do *Jamboard* suas compreensões dos textos estudados e dos conceitos-chave que emergiram, tais como: EaD x educação online; desenho didático, ferramentas x interfaces, avaliação da aprendizagem, ciberultura, estágio como campo do conhecimento e problematizador dos aspectos teórico-práticos da formação do docente pesquisador. As leitoras-guias apresentavam os pontos centrais dos textos indicados para o estudo e debate nas rodas virtuais de leitura<sup>11</sup>, ao tempo em que as docentes contribuíam de modo colaborativo, via *chat* ou pelo áudio, tensionando e problematizando através de questões, interações, trechos das leituras a fim de promover a ampliação do debate, conforme sintetizado na figura 3, a seguir.

---

<sup>11</sup>Os textos estudados nas Rodas virtuais de leitura foram: OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor. Ensino de língua portuguesa com a mediação das tecnologias digitais em tempos de pandemia. São Paulo: *Revista Dialogia*. n.36. set-dez. 2020. p. 252-268. PIMENTA, Selma G.; LIMA, M.S.L. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poíesis*, v.3, n.3 e 4. [s/l], 2005/2006. p. 5- 24. PIMENTEL, Adriano. Princípios do desenho didático da educação online. Rio de Janeiro: *Revista Docência e Ciberultura*, v.2, n.3, 2018. p. 33 – 53. SANTOS, Edméa. Pesquisa na ciberultura: a educação online como contexto. In: SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na ciberultura*. Teresina: EDUFPI, 2019. p. 57-76. SILVA, Marco. Educar na ciberultura: desafio a formações de professores para a docência em cursos-online. São Paulo: *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*. n. 3. jan.-jul. 2010.



Figura 3 – Desenho didático da educação online: princípios e procedimentos



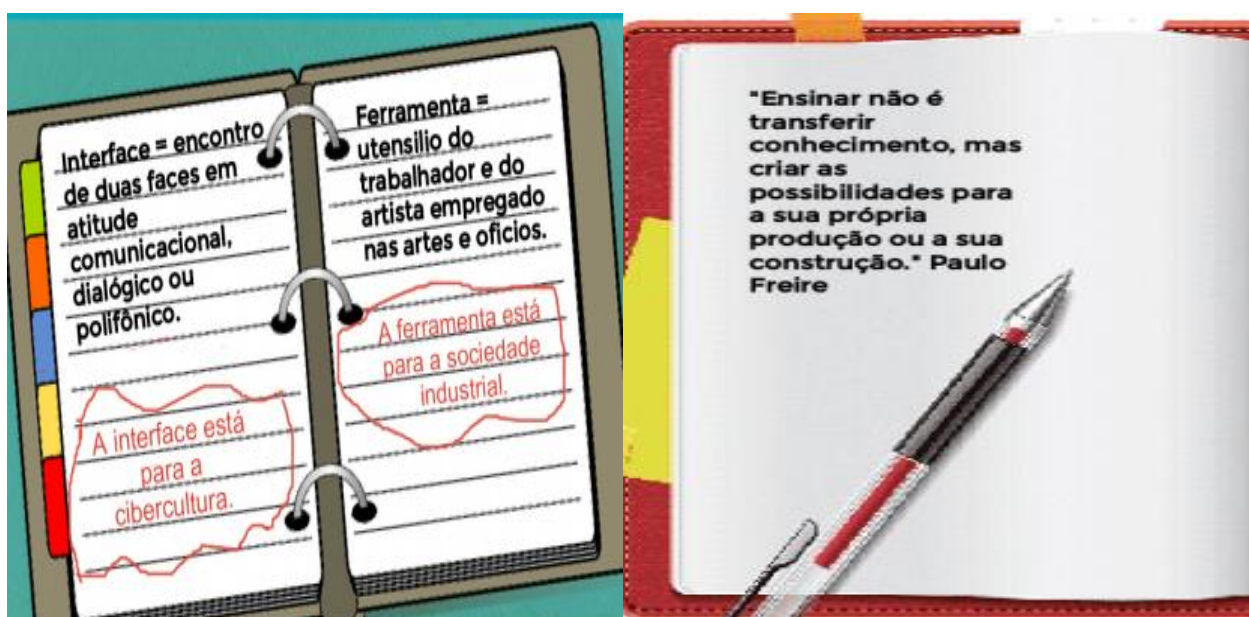
Fonte: Relatorias das rodas virtuais produzidas pelos grupos, março 2021.

Como podemos observar no material apresentado no quadro síntese 3, as estudantes cocriaram de modo inventivo, artístico, num exercício com vestígio autoral, suas compreensões acerca da educação online, modificando os conteúdos estudados, ampliando com outros textos e pontos de vista, apresentado a intertextualidade e o texto multimodal, inserindo imagens, textos verbais nos *post it do Jamboard*, fizeram ainda indicações de



leituras via *chat*, mobilizaram questões para aprofundamento do tema, reiterando assim, o destaque do desenho didático aberto, em que docentes e discentes dialogam de modo horizontal, em comunhão como nos ensina o mestre Paulo Freire, atentando para a humana docência, destacando assim, repertório de leituras já realizadas que permitiram estabelecer a intertextualidade requerida nos hipertextos, como nos aponta a relatoria da uma dupla e de um grupo de estudantes, na figura 4, a seguir:

Figura 4: Intertextos e repertórios de leitura



Fonte: Relatoria no *Jamboard* dupla de estudantes, março 2021.

[...] Ao relatarmos os textos que foram trabalhados na primeira unidade, da disciplina de Estágio II que, embora sobre estilo de escritas e abordagens variadas, a aplicação da educação no contexto que o educador se encontra, precisa ser pesquisado e refletido constantemente. Encontramo-nos agora em um contexto de pandemia, com aulas remotas, mas daqui a 20 anos não saberemos como será; porém o que é enfatizado desde o primeiro texto sobre teoria e prática docente, ambos precisam atuar na realidade de maneira colaborativa e atualizada. Assim sendo, atualmente, a educação *online* é indispensável, por isso requer reflexão e discussão neste e em outros meios de formação docente. [Relatoria do grupo de estudantes, março 2021].

As estudantes refletem sobre a pandemia do Covid 19, o ensino e a formação docente neste contexto geohistórico em que somos atravessados pelos desafios da educação online e



demarcam sobre as incertezas de como será daqui a 20 anos o ensino, as aulas, a formação docente, nos possibilitando inferir acerca da compreensão da concepção de professor/a que não mais professa verdade, mas se mobiliza a aprender em comunhão, participando do empoderamento e a criticidade dos profissionais que formamos.

Esta turma se caracteriza marcada pelo gênero feminino, com 15 mulheres e um homem, no total de 16 estudantes. Esta mesma turma em 2019.2 realizou Estágio Supervisionado I<sup>12</sup> e tinha um total de vinte e três mulheres e um homem, cujos marcadores sociais de gênero, raça, classe social, sexualidade e geração os atravessam de modo interseccional e os interpelam através da diversidade e suas diferenças, atentas ao convite de Miguel Arroyo (2009, p.32-33), ao afirmar que: [...] “sujeitos coletivos históricos se mexendo, incomodando, resistindo em movimento” O movimento inicial do Estágio I foi elaborarmos uma cartografia da turma, considerando os distintos territórios que habita cada estudante bem como as diferenças que os constituem. Esta ação pedagógica dialoga com os princípios das pedagogias feministas e freirianos que primam por valorizar as diferentes experiências históricas e político-sociais de sujeitos subalternizados no ambiente escolar e na sociedade como um todo, oportunizando criticidade e empoderamento.

Conforme apontam Ana Lúcia Gomes da Silva e Luzineide Vieira (2021), das 23 estudantes, 17 estão entre 20-27 anos, perfazendo um total de 73,9%; 05 estão entre 27-33 anos, o que representa um total de 21,7% e apenas uma estudante acima de 34 anos, cujo percentual é de apenas 4,3%. Os dados mapeados apontam para um conjunto de futuras professoras jovens, que comporão o quadro docente da Educação Básica baiana, em breve, com o percentual de 95,7%, das 23 estudantes, e apenas 01 homem, um percentual de apenas 4,3%, o que nos possibilita inferir que embora saibamos que a atração pela carreira do magistério, é baixa, podemos vir a ter através desta turma um diferencial. Os resultados do censo informaram que 2.5 milhões atuavam na educação brasileira. Destes 2.194, 224 de professores e professoras atuavam na Educação Básica, destes, 63,8% são vinculados ao ensino fundamental. Os números evidenciam um protagonismo feminino num percentual de 80%. (INEP, 2017).

---

<sup>12</sup>Em virtude do aproveitamento do componente com os Cursos Livres realizados em 2021.1, somente 16 estudantes da turma se matricularam para Estágio II. Ver referências completas do artigo ao final.



Este movimento formativo e auto formativo apontam nessa experiência que como nos afirma Marco Silva (2010), o desenho didático da nossa prática pedagógica precisa contemplar uma intencionalidade pedagógica, o que não poderia ser diferente, haja vista que o ato educativo é político e intencional, contextualizado e situado como nos inspiram as pedagogias feministas e os princípios da educação freiriana, que fundamentam a nossa prática pedagógica em diálogo com a educação do nosso tempo contemporâneo, cujos sujeitos se autorizam a dizer sobre si, suas diferenças e posicionalidades diante da vida e dos temas estudados.

Outro aspecto que mobilizou a turma e as docentes foi a realização das sessões de comunicação das propostas de intervenção elaboradas em Estágio I, em 2019.2, que seriam redimensionadas e reescritas, pois as docentes e a turma resolveram que o desafio seria não apenas o ensino remoto, mas uma educação online encarnada na vida pulsante que produz novas singularidades includentes, que compreende a docência online e seus 'saberesfazeres' potencializados pela cibercultura como já apontamos neste texto, como obra aberta, plástica, fluida, híbrida e multimodal, cuja interatividade faz a diferença na relação interpessoal que se estabelece na presencialidade virtual, sem deixar de acolher, escutar, dialogar, aproximar-se, abraçar, na amorosidade que enseja, ainda que na virtualidade dos encontros síncronos, mas não por isso menos intensa. Estes elementos são estruturantes quer na docência presencial quer online e por isso os defendemos e por eles lutamos.

Entretanto, ressaltamos que não foi fácil nem rápido que as ações planejadas fluíssem. O Plano Individual de Trabalho (PIT) teve o cronograma, elaborado por etapa e socializado e postado para a turma para contribuições ao longo do semestre, após analisarmos e avaliarmos cada etapa, redimensionando conforme as necessidades, em contexto de pandemia, conforme nos foram reveladas pelos sujeitos envolvidos em cada espaço não-formal com os quais dialogamos. Exigiu trabalho, dedicação, escuta sensível, reescrita das propostas de Estágio, reescrita dos cronogramas e, sobretudo, defesa de princípios da pedagogia feminista e freiriana, subsidiados por uma metodologia colaborativa, ativa, mediada pela interface digital que potencializou nossa prática pedagógica. Realizamos reunião online, conversas pelo aplicativo do *WhatsApp*, *e-mails etc*, a fim de alinharmos os projetos de intervenção e realizarmos a escuta sensível coletivamente. Algumas dessas conversas e reuniões foram

realizadas pelas docentes de Estágio, como responsáveis pelo componente, a fim de dar retorno à turma.

Como não poderia ser diferente algumas propostas não puderam ser realizadas com o público observado em 2019.2, presencialmente, por serem grupos de risco e estarem em isolamento social, como foi o caso dos idosos que vivem no *Abrigo dos Velhos* da cidade de Jacobina – BA. Este grupo foi redirecionado para o público da Uati - Universidade Aberta da 3ª idade da Uneb/Jacobina. Outro desafio bem-sucedido foi com a equipe da APAE Jacobina, parceira da Uneb que de modo bastante democrático e atenta aos princípios de uma educação para/na e com a diversidade, apontou em conjunto com os estudantes e docentes, na reunião online que realizamos, e que está registrada na figura 4, a seguir, caminhos para que de modo parceiro e dialógico, as estudantes pudessem realizar o estágio.

Figura 5 - Reunião de alinhamento entre Uneb e APAE: Estágio em espaços não formais



**REUNIÃO PARA ALINHAMENTO DO  
ESTÁGIO — 2021  
MAIS UMA PARCERIA APAE - UNEB**

JACOBINA, 30 DE ABRIL DE 2021



Fonte: Acervo Equipe Apae Jacobina, abril 2021, cedido aos autores.

Este dado revela além dos princípios defendidos pelas docentes em suas práticas pedagógicas a arrojada defesa das estudantes, no momento de orientação dos grupos, ao afirmarem: “[...] nosso discurso sobre a diversidade não pode ser fragilizado diante dos primeiros obstáculos que aparecem”. Em seguida, uma das docentes reiterou a postura elogiosa dos grupos desde o estágio I ao escolherem a APAE para realizarem o estágio de observação, destacando que a diversidade interroga a docência e nos atravessa cotidianamente





e que por isso mesmo, mais que respeitar as diferenças e as diversidades, era preciso aprendermos a viver a diversidade fazendo do nosso discurso nossa ação política, ética e implicada, como nos ensina Paulo Freire. Conte comigo nessa luta que é nossa”. (Diário de bordo da docente xxxxx, abril de 2021).

A segunda etapa do componente aconteceu no mês de abril no eixo intitulado: “O estágio na formação do professor-pesquisador: estágio como pesquisa e a pesquisa em estágio”. Em cada encontro síncrono aconteciam as sessões de comunicação das propostas de estágio e para cada um dos encontros, convidamos colegas pesquisadoras da área da educação online, para contribuírem com as propostas que seriam reescritas a fim de atender a modalidade do ensino remoto, anotando em seus diários de bordo/de pesquisa as contribuições advindas do processo colaborativo com as docentes do componente, a convidada e a turma. Foram três encontros no total e os temas debatidos foram:” A gamificação no planejamento didático-pedagógico das aulas de Língua Portuguesa e Literaturas” com a professora Rosemary O. Lapa - Uneb; “Avaliação da Aprendizagem na docência online: tipos e critérios”, com a prof.<sup>a</sup> Telma Brito Rocha- Ufba; “As contribuições do *Design thinking* para a educação “ com a prof.<sup>a</sup> Débora Freire – Mestranda Uneb, Mpeja.

Destacamos que nestes encontros já foi perceptível o engajamento, uma melhor familiaridade dos estudantes com os aplicativos digitais, tanto quanto pelas docentes, que aprendiam junto com a turma no processo, a cada aula e que usavam arriscar criar, artistar, concebendo a aula como nos ensina sabiamente Deleuze Guattari (1995). O autor nos revela, nos intriga e nos provoca a conceber um novo conceito de aula. Vejamos o que nos convoca a pensar o referido autor:

Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse, que pulam de um para outro. Isso forma uma espécie de tecido esplêndido, uma espécie de textura. (DELEUZE, 1995)

Estamos o/as docentes-autores deste texto produzido a seis mãos, deslocadas/o dialogando com este conceito porque entendemos que a arte efetivamente é revolucionária e nos salva da mesmice, minimiza as angústias, nos convoca ao que temos defendido acerca dos interesses



dos estudantes e da pergunta difícil que não ousamos na maioria das vezes em nos fazer e que um dos autores deste texto se fez em seu texto intitulado: “Uma boa aula?”. Se a aula é uma emoção tanto quanto inteligência, ela nos provoca a concebermos a aula como um convite-desafio a ensinar a pensar, a fazer o cérebro se emocionar, a sentir, a se mover, trabalhar: uma pedagogia ativa como nos propõe a educação online (EOL), em consonância com os princípios da pedagogia feminista e freiriana.

A seguir, na figura 5, elegemos do *corpus* do material sistematizado, dois momentos dos encontros síncronos com as convidadas professoras Rosemary Lapa e Débora Freire, em que as estudantes nos possibilitarem identificar a dinâmica da rede e o conceito de engajamento, através da participação eufórica efetiva e afetiva nas atividades propostas pelas docentes: o jogo de memória e o mapa da empatia. Estas duas atividades mobilizaram de modo particular a turma e a participação elaborando o mapa e realizando o jogo da memória foram bastante produtivos e engajados, o que não aconteceu com a sugestão dada para o acolhimento em cada aula com músicas, poesias, obra de artes em que cada aula realizássemos a leitura compartilhada, lendo poemas ou escutando músicas. Somente acontecia quando a docente fazia, mas quando perguntava a turma, quem escolheu um poema, música ou obra para o acolhimento inicial da aula, não tinha retorno.

Na participação no *chat* as estudantes agradeceram e sinalizaram as efetivas contribuições das docentes convidadas para suas propostas de intervenção para o estágio supervisionado, assim como as docentes do componente pelas trocas significativas. Assim como o registro no *chat* da estudante acerca das contribuições da professora Telma Brito traz a seguinte reflexão: “[...] Prós, por que não utilizarmos o Ambiente virtual de Aprendizagem (AVA), que pela apresentação da professora Telma, se apresenta como uma rica possibilidade formativa, haja vista a variedade das suas interfaces?

Explicitamos que esta possibilidade pode ser operacionalizada e que a opção pelo *Google Classroom*<sup>13</sup>, do componente Estágio Supervisionado, se deu em virtude da familiaridade apontada pelos estudantes na pesquisa realizada pela Uneb, acerca das

---

<sup>13</sup> Para saber mais, ver nossa sala virtual <https://classroom.google.com/u/0/c/Mjg2NTc3MDgxMDAy>. Acesso em 22 de maio de 2021.



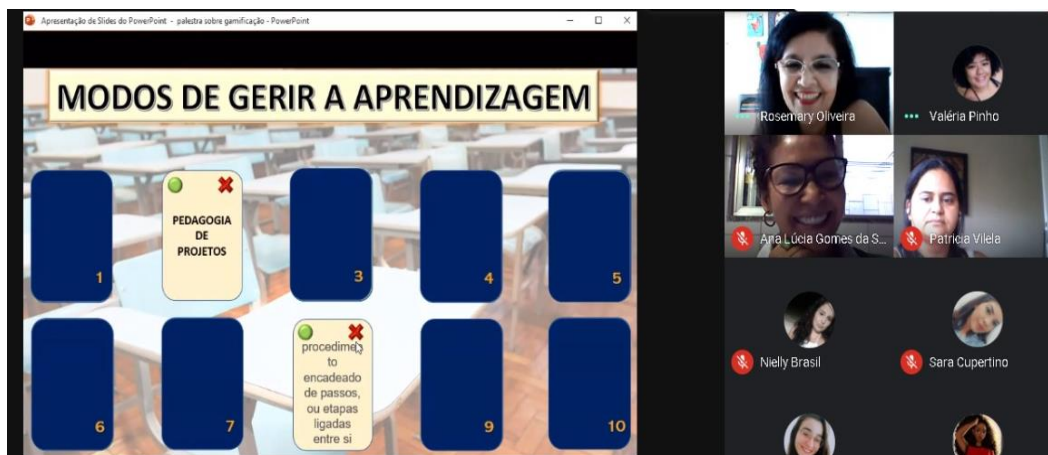
plataformas digitais, a acessibilidade e familiaridade informadas.<sup>14</sup> Destacamos, pois, que o caminho percorrido se fez por inflexões, mudanças de direção, desvios de rotas, considerando a acessibilidade dos estudantes ser restrita e marcada pela instabilidade da rede, adesão ao que fora proposto pelas discentes, ajustes e redimensionamentos em virtude das demandas e mudanças dos contextos dos sujeitos envolvidos como público participante do estágio. Além disso, as contingências fazem parte do ensino com pesquisa, porque são constitutivas da vida e do dinamismo da realidade, exigindo da docência intervenção na realidade, já que a consideramos como prática social.

Figura 6 – Mapa da empatia, gamificação e modos de gerir a aprendizagem



Fonte: Produção coletiva no Jamboard, abril 2021.

<sup>14</sup> Ver para maiores informações: <https://portal.uneb.br/seavi/>. aces em 22 de maio de 2021.



Fonte: Acervo da docente, cedido pela convidada; abril 2021.

## Conclusões evidenciadas pelas experiências gestadas em rede dialógica

Como apontamos no início deste texto, a cibercultura fomenta a autoria, a cocriação, a participação ativa e interativa em rede na constituição da mensagem, que não mais pode ser concebida na tradicional concepção do paradigma da emissão para a recepção, mas constituída numa dialogicidade que requer amorosidade, compromisso com a participação das/os estudantes considerando os seus desejos, suas experiências contextualizadas, seus engajamentos socioafetivos, suas percepções e visões de mundo como ponto de partida-chegada de nossa práxis pedagógica. Assim, aprendemos que as mulheres e homens não chegam destituídos de curiosidade, de indignação, de decepções, esperanças e desesperanças. O ciberespaço não é um espaço neutro, mas também espaço de contradições, onde são necessárias organizações e lutas contra toda forma de machismo, de homofobia, de racismo e de tantas outras formas de preconceito, discriminação e violências enfim.

Quando organizamos nossos projetos educativos estamos atentas e atentos a tais contradições e, por isso mesmo, não ocultamos nossas opções políticas discordantes de um currículo reprodutor de desigualdades e injustiças nas cidades e no ciberespaço. Nossa experiência também apontou três aspectos imprescindíveis ao ato educativo: não sabemos como o outro aprende, a aprendizagem é nômade, movente, não linear, exige que o cérebro se emocione, seja afetado, mobilizado, colocado em movimento com práticas desafiadoras; não temos como controlar nem assegurar as aprendizagens, pois são sempre distintas, singulares,



por ser da ordem das multiplicidades e afetos; aprender não é da ordem do como e sim do com, com alguém, com o outro, como sujeito sócio histórico que somos, desafiando a ensinar a pensar.

Apresentamos ainda outro resultado que merece investimento e investigação acerca do papel do afeto e das emoções no ato das aprendizagens, já que como não temos controle sobre as aprendizagens e desconfiamos que este controle que a escola tanto deseja ter sobre as aprendizagens dos estudantes através do ensino, estaria no desejo de que todos aprendessem as mesmas coisas que ensinamos, mas se de fato, se assim agimos, este ensino leva a homogeneização e não a multiplicidade e heterogeneidade que marca e constitui cada ser humano.

## REFERÊNCIAS

AARTS, J. Intuition-based and observation-based grammars. In: AIJMER, K.; ALTENBERG, B. (org.). *English Corpus Linguistics: Studies in honour of Jan Svartvik*. Longman, Harlow, 1991.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Rev. Brasileira de Educação*, n. 23, p. 62-74, 2003.

ALVES, Nilda. *Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas - sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 15-38.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV (2002). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed., São Paulo, SP: Editora Annablume.

BRASIL, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar*, 2017. Brasília: MEC, 2017.

CARDOSO, Cláudia Pons, SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias Feministas no combate ao Racismo e às desigualdades de Gênero: uma abordagem perspectivista. In: COSTA, Ana Alice Alcântara.; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira.; PASSOS, Elizete Silva. *Gênero e Diversidades na gestão educacional*. Salvador: UFBA/NEIM, 2011, p. 59-74.

CARVALHO, Maria Inez. O a-con-tecer de uma formação. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159-168, jan./jun. 2008.



DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELEUZE, Guattari. O Abecedário de Gilles Deleuze. Éditions Montparnasse, Paris. Traduzido e adaptado no Brasil. 1995. Disponível em: Abecedário de Gilles Deleuze (Transcrição + Vídeo Completo) (clinicand.com). Acesso em 03.maio 2021.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 26. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed. Notas: Ana Maria A. Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FONTOURA; Helena Amaral da, MACHADO; Maikson Damasceno Fonseca, SOUSA, Nilcelio Sacramento de. Tematização como possibilidade de interpretação de dados nas pesquisas qualitativas: contribuições teóricas e metodológicas. In: SILVA; Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA; Diego Carlos. *Ateliês de pesquisa: formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação*. Salvador: EDUNEB, 2020. p.145-172.

FONTOURA; Helena Amaral da. Revisitando dados e refletindo sobre o uso de vídeo em etnografia. In: FONTOURA; Helena Amaral da; MATTOS; Carmem Lúcia Guimarães de (org). *Etnografia e educação: relatos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.p.31-46.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SOUSA, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

LARROSA; Jorge. Experiência e a alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

MARAUX, Amélia. *Caminhos Metodológicos da Pesquisa Aplicada em Educação*. Salvador: EDUFBA, 2022. [prelo]

SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da experiência. Trad. Lúcia Haddad. *Proj. História*. São Paulo, n. 16, fev. 1991.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina, PI: EDFPI, 2019. Ebook.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. In: *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*. n 3; janeiro-junho, 2010, p. 36-52.Issn- 1984-3585. Programa de Pós- Graduação em Tecnologias da Inteligência Design Digital. PUC-São Paulo.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; VIEIRA, Luzineide. Cartografias dos espaços (in)formais de Jacobina: um estudo em/sobre deslocamentos em movimentos do estágio supervisionado. In: DASILVA, Fabrício Oliveira; MOTA, Charles Maycon de Almeida. *Coletânea Profissão*



*Docente na Educação Básica: formação de professores/as na educação básica [recurso eletrônico]* 1ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. v.3, p.319-336.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis* – 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.